Décima carta — Genuflexões das criaturas terrestres

> **Sumário.** Os astros. — A terra. — O mar. — As outras criaturas.

30 de junho.

Meu caro Frederico,

Na carta que acabas de escrever-me, fazes uma observação que eu havia previsto e pela qual te agradeço. Dizes:

> *Acabas de apresentar um rápido quadro das genuflexões entre os homens; mas parece-me, meu caro mestre, que o texto de são Paulo não está suficientemente traduzido. O Apóstolo não diz todo joelho de homens, omne genu hominum; o termo de que se serve tem sentido mais amplo: indica para todas as criaturas terrestres a obrigação de submeter-se, como os anjos, os homens e os demônios, à grande lei da criação, a lei da genuflexão. Qual é a tua opinião, e qual pode ser a genuflexão das criaturas terrestres: Omne genu flectatur terrestrium?*

Vou responder e dar à palavra de são Paulo o sentido geral que, com efeito, ela comporta. Não menos que as criaturas espirituais, as criaturas materiais são obra de Deus. A esse título, devem-lhe submissão e adoração. Não sendo dotadas de liberdade, cumprem necessariamente essa lei de seu ser. Estão, pois, sempre em adoração ou em genuflexão. Como para os anjos e os homens, essa adoração se traduz aos nossos olhos por atos que dela resultam. Tal é, para conformar-se ao texto de são Paulo, o sentido que convém dar à genuflexão das criaturas terrestres. Entremos em alguns pormenores.

I. — Elevemos primeiro o olhar para o céu. Cada manhã o sol faz a genuflexão. Depois de tomar, à sua maneira, as ordens do Criador, começa o seu curso e, sem se desviar um traço, segue a rota que lhe é traçada. Não só a segue com a mais edificante submissão, mas ainda derrama a luz e o calor na medida que lhe foi marcada. À noite deita-se na hora, no minuto, no segundo e no ponto do céu indicados em seu itinerário. No dia seguinte, nova genuflexão e novo cumprimento das ordens do Criador.

II. — A exemplo do sol, todos os astros do firmamento fazem a genuflexão: fazem-na cada manhã. *«O que conta a multidão das estrellas: e as chama a todas ellas pelos seus nomes»*, diz o Profeta real.[1] Como o raio e os relâmpagos, apresentam-se ao seu chamado e dizem: *«Aqui estamos.»*[2] Que fazem na presença de Deus? Cantam-lhe os louvores, fazem a genuflexão e, como o sol, aguardam as suas ordens.[3] Logo que as recebem, cada um toma o seu lugar no brilhante exército dos céus. Este avança com majestade pelas planícies do firmamento e produz a magnífica harmonia que encanta os olhos do homem, desafia a sua ciência, esgota a sua imaginação e lhe presta os mais importantes serviços. Essa harmonia resulta da fidelidade com que cada astro cumpre a sua missão.

À lua é dito:

> *Durante o dia não te mostrarás. Chegada a noite, levantarás o teu véu, para que, à doce luz do teu rosto, o viajante retardado possa dirigir com segurança os seus passos incertos.*

À estrela polar:

> *Enquanto tuas irmãs estiverem continuamente em marcha, tu ficarás quase imóvel num ponto do céu, semelhante à sentinela que guarda o seu posto. Serás o guia do navegador perdido nos imensos oceanos e o conduzirás com segurança às praias em que deve aportar.*

A outros:

> *Acompanhareis o sol, vosso rei. Em torno dele, e submetidos à sua influência, sereis como o brilhante estado-maior que acompanha um imperador ou um general de exército.*

Assim com os demais.

III. — Do céu desçamos à terra. Ela também, como adora o seu autor! Como dobra o joelho diante dele! Chega a primavera, e ela pergunta o que deve fazer.

> *Cobrir-te-ás com um manto de verdura; esmaltar-te-ás de flores de toda cor; comunicarás a essas flores as cores mais belas, as formas mais graciosas, os perfumes mais variados. Mais ricas que as vestes reais de Salomão, essas flores*

> *serão o berço da criança que nascer delas; essa criança, nutrida e protegida contra os inimigos interiores e exteriores, crescerá até a adolescência. Logo as faixas do seu berço, tornadas inúteis, terão caído; e ela própria, fruto delicioso, chegada à idade da maturidade, apresentará o seu rosto de lírio e de rosa aos olhares do homem, para excitar-lhe a admiração e solicitar-lhe o apetite.*

Termina a primavera: *«Cumpri, ó meu Deus, o que me ordenastes; que tenho agora a fazer?»* Respeitosamente prostrada diante do Senhor da natureza, a terra aguarda as suas ordens; vejamos, meu caro Frederico, de que maneira as executa. Veio o verão: trata-se de acabar o que a primavera começou.

De acordo com o sol, os ventos e as chuvas, a terra se aquece; as seivas nutritivas que ela encerra em suas entranhas põem-se em movimento e circulam, abundantes e rápidas, por todas as veias das árvores, das plantas e das ervas. Tudo se desenvolve, tudo toma cores mais sólidas, as cores da idade madura; e logo a espiga inclina a sua cabeça embranquecida e, adorando à sua maneira, diz: *«Estou pronta, podes cortar-me.»* Disse; e logo pelos campos se espalham bandos de ceifeiros, de que se veem brilhar ao longe as foices e os alfanjes, e que com os seus cantos alegres fazem ressoar os ecos em redor.

Está feito: os campos foram despojados. Terminou a missão da terra? De modo algum. Ela adora de novo, e eis um novo trabalho que lhe é mandado. Duas misteriosas criaturas, o pão e o vinho, saíram do seio da terra: o pão que nutre, o vinho que fortifica e alegra. Admiráveis elementos de um alimento divino, reproduzem-se cada ano para reproduzir eternamente a carne e o sangue que, divinizando o homem, divinizam toda a natureza.

Encerrado no grão, o pão está em segurança nos celeiros do lavrador. Resta o vinho. Fiel às ordens do Senhor, a terra o dará durante o outono. Com o vinho, acumulará frutos de toda espécie. O Pai celeste é tão bom que esses frutos não servirão apenas ao alimento do homem, mas ainda aos seus prazeres: *usque ad delicias.*

A terra trabalhou muito. A Deus pode dizer: *«Terminei a obra que me mandaste»*; dobrando, entretanto, o joelho diante do seu Autor, aguarda novas ordens. O mercenário que suportou o peso do dia e do calor tem direito ao repouso: Deus o concede à terra. Sempre obediente, a terra se envolve numa espessa coberta e adormece sob um edredom de neve. Durante esse sono repara as forças. Venha a primavera e, ao chamado de Deus, ela se levantará, cheia de uma vida nova e de uma fecundidade que nada esgota.

IV. — Ver o céu e a terra dobrando humildemente o joelho diante de Deus e, sem sombra de resistência, cumprindo dia e noite os seus adoráveis mandamentos, é certamente um espetáculo imponente; há outro ainda mais imponente. De todos os elementos, o mais vasto, o mais terrível, o mais indomável é o mar. Ora, tu o sabes, a nossos olhos o mar iguala, se não supera, em docilidade a terra e os céus; dir-se-ia que, em razão mesma de seu poder, a sua genuflexão é mais profunda.

Vês esse oceano cuja profundidade é insondável, cuja extensão se perde sob horizontes sem limites; ora elevando como montanhas as suas vagas espumantes, ora deixando-as cair com estrondo no fundo dos abismos que lhes servem de leito; fazendo dançar os mais pesados navios como cascas de noz, quebrando-os como se quebra um caniço e, em sua fúria, ameaçando arrancar os rochedos da costa!

Quem o deterá? Quando o terrível elemento fez a sua primeira genuflexão, Deus lhe disse:

> *Vês este grão de areia: é a minha sentinela. A sua ordem é deter-te; tu a respeitarás.*

E todos os dias o temível Oceano, tornado manso como cordeiro sob a mão do pastor, vem deter-se diante do grão de areia que lhe diz: *«Não se passa.»*

O mesmo se dá com todas as outras criaturas materiais. Todas fazem a genuflexão diante de Deus, pois o profeta o disse:

> *O fogo, o granizo, a neve, a geada, o espirito de tempestades, que executão a sua palavra.*[4]

Não sei; mas parece-me, meu caro Frederico, que essa genuflexão do mar, da terra e dos céus, com tudo o que encerram, prega-nos a nós mesmos a adoração do Criador mais eloquentemente que os livros dos sábios e os sermões dos pregadores. Até breve, outras genuflexões.

Todo teu.

Notas

[1] *Numerat multitudinem stellarum et omnibus eis nomina vocat.* (Sl 146, 4).

[2] *Numquid mittes fulgura et ibunt, et revertentia dicent tibi: Adsumus?* — «Por ventura enviarás os relampagos, e hirão, e te dirão quando voltarem: Aqui estamos?» (Jó 38, 35).

[3] *Ubi eras cum me laudarent simul astra matutina?* — «quando os astros da manhã me louvavão todos juntos» (Jó 38, 7).

[4] *Ignis, grando, nix, glacies, spiritus procellarum, quæ faciunt verbum ejus.* (Sl 148, 8).

Revision #1
Created 24 November 2026 01:13:38 by Admin
Updated 24 November 2026 01:13:38 by Admin